



COMENTÁRIO AO ENSAIO: A ANTROPOFAGIA E AS IDEIAS FORA DO LUGAR COMO CHAVES DE UMA LEITURA CRÍTICA DA FILOSOFIA BRASILEIRA

De José Roberto Nogueira de Sousa Carvalho

Gustavo Fontes¹

O artigo propõe uma leitura crítica das correntes intelectuais que afluem para o debate acerca da existência ou não de uma Filosofia brasileira, e quais seriam suas características principais. Para isso o texto, de inspiração dialética, se vale de dois conceitos-chave: ‘antropofagia’ e ‘ideias fora de lugar’, a partir dos quais pretende dividir e analisar um dilema proposto como fundamental, que vem a ser como a ‘*intelligentsia* brasileira de recorte filosófico’ lida com suas influências canônicas, majoritariamente europeias.

¹ Doutorado em Filosofia

Do ponto de vista metodológico, uma questão clara para a Filosofia ou o exercício filosófico de cunho teórico e viés acadêmico (e, portanto, de influência e formato ocidentais), é que quanto mais abrangente forem os conceitos tratados, como os de metafísica, dialética ou ‘origem e formatação da filosofia brasileira’ como é o caso, maior e mais penosa será a tarefa de análise, tanto pelo volume de textos a serem devidamente digeridos, quanto pelo rigor que se espera na execução de grandes projetos.

Voltando ao texto, o autor se propõe a “rebater a noção de que há uma filosofia ‘puramente’ nacional de qualquer país que seja” (Carvalho, p. 2), de forma que não estaria comprometido com a busca de uma ‘filosofia puramente nacional’ ou ‘genuinamente brasileira’, tarefa ligada por sua vez ao que chamou de ‘mito da originalidade’. Fica claro portanto, logo de início, que não é disso que se trata. Assim como não se trata de uma busca ou resgate dos ‘saberes indígenas, quilombolas e populares dos mais diversos grupos brasileiros’, cuja ignorada existência, por motivos de ‘colonização, Globalização e dependência frente aos grandes centros universitários estrangeiros’, se perpetua neste ensaio, que tem como proposta fundamental a realização de “uma nova abordagem acerca da ‘Filosofia’ institucionalizada” (Carvalho, p.3).

Passando agora para uma análise mais pontual dos conceitos que compõem o texto, acredito que uma leitura filosoficamente mais rigorosa do conceito de ‘Antropofagia’, de Oswald de Andrade,

chegaria no tema da devoração enquanto eixo central da proposta oswaldiana, já que em seu manifesto, de estilo polêmico e grandiloquente – e não por isso menos arguto e perspicaz; o autor afirma que “a vida é devoração pura” (ANDRADE, 1978, p. 77), e que a antropofagia seria a ‘única lei do mundo’. Proposta assim como uma força cósmica, ligada a ‘desagregação do sistema solar’, a antropofagia seria uma dinâmica inelutável, e, portanto, não uma postura frente ao mundo, mas sim uma força com a qual temos necessariamente que lidar, de caráter universal equivalente à ‘lei da gravidade’. A escolha não estaria entre ser ou não ser antropofágico, mas em realizar a ‘alta’ ou ‘baixa’ antropofagia. Questão a qual o artigo, infelizmente, não alude.

Sendo assim, talvez seja interessante esclarecer, ainda que rapidamente, a alta antropofagia está ligada a transformação a partir da devoração (predação) da diferença, e é dela, segundo Oswald, que é capaz de se originar a singularidade brasileira. Em oposição dialética, a baixa antropofagia, relacionada aos princípios da identidade e da acumulação e da relação mando-obediência” (Fontes, 2016, p. 68), apenas reproduziria os efeitos da colonização, artística ou intelectual. Neste sentido, é importante destacar que a questão central na alta antropofagia oswaldiana, ligada a um projeto ou perspectiva de singularidade nacional, não tem de maneira nenhuma um caráter ‘assimilacionista’ (palavra diversas vezes utilizada pelo autor no artigo e que carrega consigo uma semântica que foi usada historicamente pelo

Estado brasileiro para tentar, ao contrário,

erradicar a ‘diferença’ indígena do cenário não apenas intelectual, mas existencial nacional). Pelo contrário, a antropofagia como proposta por Oswald, e apropriada por Eduardo Viveiros de Castro (entre outros), está ligada a dinâmica de predação da diferença com vistas a transformação. Em síntese, podemos afirmar que a “Antropofagia, tanto literal (etnográfica e antropológica), quanto literária (estética e filosófica) deve ser entendida como impulso ontológico de predação da diferença com vistas à transformação. Antropofagia então, como fórmula de uma disposição de, na relação com o outro, alterar-se. Não apenas reconhecer a diferença, como exercê-la” (Fontes, 2016, p. 1). Nunca assimilar ou apropriar características, mas devorar para transformar e ser alterado no processo.

Quanto ao tema específico das ‘ideias fora de lugar’, faz falta no artigo uma referência ao contexto intelectual de sua produção, que no caso, como nos ensina Ricupero [2008] “insere-se num conjunto de trabalhos do crítico [Roberto Schwarz] sobre Machado de Assis. O ensaio em questão serve para que se mobilize a matéria ideológica do qual são feitos os romances maduros de Machado”. Este aspecto é deixado de lado por Carvalho, que opta por centrar sua argumentação no caráter econômico e sociopolítico que postula a Europa, enquanto metrópole, como centro irradiador de cultura, conceitos e teorias. As ideias fora de lugar seriam então este pôr e repôr de ideias européias, em solo nacional “sempre em sentido impróprio” (Schwarz, 2000, p. 29).

Entre as influências teórica desta teorização, merece destaque a tese de Sérgio Buarque de Holanda, presente em ‘Raízes do Brasil’, de que a “implantação da cultura europeia’ em extenso território, dotado de condições naturais, se não adversas largamente estranhas à sua tradição milenar, é, nas origens da sociedade brasileira, o fato dominante e mais rico em conseqüências” (Holanda, 1995, p. 31). Esta citação, reproduzida por Carvalho em seu artigo, irá, logo adiante, tratar o ambiente intelectual brasileiro, como “desfavorável e hostil” a captação e reprodução deste ideário. Este debate nos leva, por sua vez, ao postulado presente na obra de Holanda, acerca do tipo típico brasileiro como formulado por este autor (e tão ilustre na tradição sociológica brasileira), que é o ‘homem cordial’, enquanto indivíduo cujas atitudes e escolhas teria intrinsecamente um caráter passional, de reprodução de relações de amizade e familiaridade, e por isso pouco afeito aos valores civilizatórios da impessoalidade, como requeridos pelos Estados modernos e sua tradição burocrática, cuja tradição teórica nos remete ao sociólogo alemão a Max Weber, muito influente na obra de Sérgio Buarque. Uma problematização desta questão e uma referência a este debate com certeza enriqueceriam o artigo de Carvalho.

Por fim, como convite para leituras acerca destes dilemas relacionados a uma leitura crítica da Filosofia brasileira, sugiro os trabalhos: *Um departamento francês de ultramar: Estudos sobre a Formação da Cultura Filosófica Uspiana* (Arantes, 1994); no qual o autor analisa a influência da academia francesa na estrutura do

departamento de Filosofia da USP (que por sua vez, estende sua influência, enquanto modelo de estrutura e excelência, aos demais departamentos de filosofia do Brasil), a qual estaria diretamente ligada à nossa sina de exegetas e comentadores de textos filosóficos canônicos ou tradicionais. E também a coletânea de artigos intitulada *Por um feminismo afro-latino-americano*, da pensadora brasileira Lélia Gonzalez (que é citada indiretamente no artigo em tela, a partir de seu reconhecimento pela filósofa estadunidense Angela Davis), e que realiza em sua obra, com uma maestria, audácia e comprometimento poucas vezes visto no cenário intelectual brasileiro, uma leitura original e potente dos fenômenos do racismo, do machismo e do colonialismo no Brasil.

Referências:

Arantes, P. *Um departamento francês de ultramar [recurso eletrônico] : estudos sobre a formação da cultura filosófica uspiana (uma experiência dos anos 1960)*. São Paulo : [s.n], 2021.

Carvalho, José Roberto Nogueira de Sousa. A Filosofia no Brasil entre a antropofagia e a ideia fora do lugar. *Re(senhas)*, v. 2, n. 1, p. e25002, 2025.
DOI: [10.71263/rbpyb91](https://doi.org/10.71263/rbpyb91). Disponível em: <https://resenhas.ojsbr.com/resenhas/article/view/31>. Acesso em: 15 abr. 2025.

Fontes, G. *O mau selvagem: antropofagia oswaldiana e pensamento tupinambá*. Dissertação de mestrado. UFPR: 2016.

Gonzalez, L. *Por um feminismo afro-latino-americano*. Ed. Zahar. Rio de Janeiro. 2020.

Ricupero B. *Da formação à forma: ainda as "idéias fora do lugar*. Lua Nova [Internet]. 2008;(73):59–69.